

# Anáfora do Complemento Nulo: anáfora profunda ou de superfície? Evidência do Português Brasileiro e Europeu\*

Sonia Cyrino  
U. Estadual de Londrina/CNPq  
Gabriela Matos  
U. de Lisboa/Onset-CEL



## 1 Introdução

Hankamer e Sag 1976 e Sag 1980 propuseram uma distinção entre dois tipos de construções elípticas baseada nas duas formas como os elementos anafóricos, entre os quais as elipses, receberiam interpretação e o nível de derivação em que estavam disponíveis para serem interpretados: as *anáforas profundas* e as *de superfície*. Uma propriedade distinguiria crucialmente estes dois tipos: as anáforas profundas, contrariamente às de superfície, não exibiriam estrutura interna em *Sintaxe*. De acordo com esta distinção *Elipse do VP*, *Elipse Lacunar* (ing. ‘Gapping’), *Despojamento* (ing. *Stripping*) e *Truncamento* (ing. ‘Sluicing’) foram consideradas *anáforas de superfície*, e *Anáfora do Complemento Nulo* (ing. ‘Null Complement Anaphora’, abreviadamente, *NCA*), *Do-it Anaphora* e *Sentential-it* como *anáforas profundas*.

\* O presente trabalho beneficiou dos comentários que nos foram feitos durante a sua apresentação no 1º Colóquio Internacional sobre a Língua Portuguesa (Florianópolis 2004). Gostariamos de agradecer a todos os que nos ajudaram com as suas observações, em especial a Inês Duarte, Anabela Gonçalves, Fátima Oliveira, Maria João Freitas e Maria Cristina Figueiredo Silva, bem como à fundação Calouste Gulbenkian, que atribuiu uma bolsa de deslocação a uma das autoras (Gabriela Matos), para participar no 1º CILP e na mesa redonda do CELSUL. Agradecemos igualmente aos dois revisores que, através dos seus comentários, nos permitiram melhorar o texto.

Retomando estes argumentos, Depiante 2000, 2001 caracteriza *Anáfora do Complemento Nulo* em Espanhol e Italiano<sup>1</sup> como *anáfora profunda*, e assume que o constituinte não-realizado é uma proforma nula, e não uma elipse, quer esta seja tratada como supressão em *Forma Fonética* ou cópia em *Forma Lógica* (Depiante 2001: 194).

Neste estudo mostraremos que *Anáfora do Complemento Nulo* (de agora em diante, também referido como *NCA*) em Português se comporta diferentemente: é uma *anáfora de superfície* e tem uma distribuição diversa relativamente ao pronome demonstrativo 'isso' e ao clítico 'o'. Mostraremos ainda que a inexistência de estrutura interna em *Sintaxe* não basta para eliminar o problema da *Reconstrução* em LF (e.g. Kitagawa 1991, Fiengo e May 1994), pois há *anáforas de superfície* explícitas que a requerem, recolocando a questão das fronteiras entre proformas nulas e elipse.

## 2. Anáfora do Complemento Nulo como uma anáfora profunda

Hankamer e Sag 1976, e Sag 1980, caracterizam a *Anáfora do Complemento Nulo* em Inglês com um conjunto de propriedades que, de acordo com os autores, distinguem as *anáforas profundas*, i.e., inseridas na base (nulas ou lexicalmente realizadas) nas derivações sintáticas, das *anáforas de superfície* resultantes de operações de apagamento que se aplicam tardiamente na derivação sintática, depois das operações que implicam a presença da estrutura sintática relevante. Assim, Hankamer e Sag distinguem *NCA* de *Elipse do VP* pelas seguintes propriedades, das quais as três últimas são caracterizadoras dos tipos de anáfora que ilustram.

Em *NCA* o constituinte nulo apresenta conteúdo frásico ou predicativo — veja-se em (1) a inclusão no constituinte omitido da partícula *to* que marca a frase infinitiva; em *Elipse do VP* a elipse corresponde ao predicado — deste modo, em (2), *to* aparece abertamente realizado e a elipse abarca o predicado verbal, no caso instanciado apenas por *leave*:

---

<sup>1</sup> No presente artigo não consideraremos os dados do Italiano, pospondo para trabalho futuro a sua análise.

- (1) *Anáfora do Complemento Nulo* (H&S 1976)  
 a. I asked Bill to leave, but he refused \_\_. ( \_\_ = to leave)  
 b. He said one of us had to give up his seat, so Sue volunteered \_\_ ( \_\_ = to give up her seat)
- (2) *Elipse do VP* (H&S 1976)  
 I asked Bill to leave, but he did not \_\_. ( \_\_ = leave)

Em *NCA* o constituinte nulo é localmente identificado pelo verbo principal (cf. (1)), em *Elipse do VP*, no Inglês, a elipse é legitimada por um verbo auxiliar ou por *to*, a partícula que marca o infinitivo (cf. (2) e (3)).

- (3) *Elipse do VP* (H&S 1976)  
 He said one of us had to give up his seat, so Sue volunteered to\_\_ ( \_\_ = give up her seat)

Em *NCA* o constituinte nulo pode ser recuperado pelo contexto pragmático, como em (4); em *Elipse do VP* o constituinte é recuperado por um antecedente lingüístico, como mostra (5), em que o conteúdo do constituinte elíptico é dificilmente estabelecido.

- (4) *Anáfora do Complemento Nulo* (H&S 1976)  
 [indulgent father feeds baby chocolate bar for dinner].  
 Mother: I don't approve \_\_!  
 ( \_\_ = that you feed him chocolate bar for dinner)
- (5) *Elipse do VP* (H&S 1976)  
 [Hankamer attempts to stuff a 9-inch ball through a 6-inch hoop]  
 Sag: # It's not clear that you'll be able to \_\_.

Em *NCA* o constituinte omitido pode ser recuperado por um antecedente lingüístico estruturalmente diferente do selecionado pelo verbo legitimador da construção (cf. (6a)), em *Elipse do VP* o constituinte é recuperado por um antecedente lingüístico estruturalmente paralelo ao selecionado pelo verbo legitimador da elipse (cf. (6b)). Com efeito, em (6), o primeiro membro coordenado está na passiva, mas o constituinte nulo tem de ser recuperado na ativa.

- (6) The oats had be taken down to the bin, ... (H&S 1976)  
 a. *Anáfora do Complemento Nulo*  
 ... so Bill volunteered \_\_.  
 ( \_\_ = to take the oats down to the bin)  
 b. *Elipse do VP*  
 \* ... so Bill did  
 ( \_\_ = take the oats down to the bin)

Em *NCA* o constituinte nulo não apresenta estrutura interna, pelo que não pode ocorrer em construções que a ela façam apelo, como a construção de *Pronome com Antecedente Ausente* (Grinder e Postal, 1971 apud Hankamer e Sag 1976), ilustrada em (7). Pelo contrário, *Elipse do VP* pode exibir este fenômeno (cf. (8)). Em (7) e (8) os pronomes *it* e *its* não têm antecedente realizado na frase subordinante, em que o constituinte nulo ocorre.

- (7) *Anáfora do Complemento Nulo* (H&S 1976)  
 \*He said one of us had to give up his seat, so Sue volunteered \_\_, because *it* was too narrow for her anyway.
- (8) *Elipse do VP* (H&S 1976)  
 I didn't ride a camel, but Ivan did \_\_, and now the office is infested with *its* fleas.

Retomando os testes acima apresentados, Depiante 2001 mostra que no Espanhol (e no Italiano) *NCA* é também uma *anáfora profunda*. De fato, esta construção admite antecedentes pragmáticos, como em (9).

- (9) [Javier jumps into the icy cold sea] (Depiante 2001: 206)  
 Juan says: Yo también puedo \_\_!

A recuperação do constituinte nulo não está sujeita a paralelismo estrito. Assim, em (10), o antecedente encontra-se na passiva e o constituinte elíptico é recuperado na ativa:

- (10) Los pacientes del tercero tienen que ser llevados a terapia intensiva, aunque la enfermera con más fuerza no pueda \_\_.  
 (Depiante 2001: 207)

*NCA* em Espanhol não legitima a construção de *Pronome com Antecedente Ausente*; deste modo, o exemplo (11) contrasta com (12), representativo de *Elipse do VP* em Inglês:

- (11) a. \*Juan no pudo asesinar a Pablo con un cuchillo pero Pedro sí pudo \_\_ y *pro* estaba oxidado.  
b. Jack couldn't kill Peter with a knife, but John could \_\_, and it was rusty. (Depiante 2001: 208)

Fenômenos de escopo de quantificador sugerem igualmente que o constituinte elíptico em *NCA* não apresenta estrutura interna: (12a) é uma frase ambígua, pois tanto o quantificador existencial como o universal podem ter escopo largo, mas a frase coordenada em (12b) não é ambígua, pois o único quantificador realizado é o existencial:

- (12) a. Un periodista quiere hablar con todos los candidatos.  
b. Un periodista quiere hablar con todo los candidatos y un ciudadano también quiere \_\_. (Depiante 2001: 208)

Depiante 2001 conclui, pois, que o constituinte omitido em *NCA* em línguas como o Espanhol é uma proforma nula, sem estrutura interna na *Sintaxe*.

### 3 *NCA* em Português

*NCA* manifesta no Português características diversas das que exibe em Inglês e em Espanhol (e Italiano): não só a sua delimitação é menos nítida, uma vez que o Português apresenta construções que se confundem, à primeira vista, com *NCA* (é o caso de *Elipse do VP* e de *Objeto Nulo*), como esta construção se comporta como uma *anáfora de superfície*. Nas próximas subseções consideraremos cada um destes aspectos, desenvolvendo (intra-lingüística e comparativamente) trabalho prévio sobre esta construção em cada uma das variantes do Português em estudo (o PE e o PB)<sup>2</sup>, presente, especialmente, em Cyrino 2004a, b, (no prelo) e Matos 2003.

#### 3.1 *NCA, Elipse do VP e Objeto Nulo*

O Português exibe, a par da construção de *NCA* (cf. (13)), *Elipse do VP* (cf. (14)) e de *Objeto Nulo* (cf. (15)).

---

<sup>2</sup> Ao longo deste trabalho, PE está por Português Europeu e PB por Português Brasileiro.

- (13) Pedi ao Pedro que saísse, mas ele recusou-se \_\_ .  
( \_\_ = a sair)
- (14) O João disse que tinha comprado o jornal e tinha \_\_!  
( \_\_ = comprado o jornal)
- (15) Quando encontrou o vestido que queria, a Maria comprou \_\_ imediatamente!

Como o Português é uma língua de movimento generalizado do verbo para flexão, a *Elipse do VP* ocorre com verbos auxiliares, semi-auxiliares e principais (Raposo 1986, Matos 1992, Cyrino 1994/1997, Martins 1994). É nos dois últimos casos que as fronteiras entre *Elipse do VP* e *NCA* não são totalmente evidentes (Matos e Cyrino 2001, Cyrino e Matos 2002, 2004). Porém, um conjunto de propriedades permite distinguir estas duas construções.

Em primeiro lugar, *Elipse do VP* com verbos principais e (semi-)auxiliares distingue-se de *NCA* em Português Europeu e Português Brasileiro pelo fato de requerer paralelismo lexical e estrutural, por parte do verbo legitimador da elipse, relativamente ao seu antecedente, como mostra o contraste entre (14) e (16).<sup>3</sup> O requisito de paralelismo está ausente de *NCA* (cf. (17)):

- (16) a. \*O João disse que *devia* comprar o jornal pois *tinha* \_\_ para estar bem informado. ( \_\_ = de comprar o jornal)  
b. ??/\* Ela sai de casa quando eu *vou* \_\_.  
( \_\_ = ((vou) para casa (PE))  
( \_\_ = ((vou) em casa (PB))
- (17) *Anáfora do Complemento Nulo*  
a. O João disse que *havia* de comprar o jornal pois *precisava* \_\_. ( \_\_ de comprar o jornal)  
b. No ano passado ele não tinha a possibilidade de comprar o jornal de manhã, mas agora pode \_\_.  
( \_\_ = comprar o jornal de manhã)

Baseando-nos nesta propriedade, por uma questão de não-ambigüidade, no decurso do nosso estudo, recorreremos a verbos legitimadores de *NCA* que não sejam idênticos ao verbo da frase antecedente.

<sup>3</sup> Cyrino 1994/1997 considera que *NCA* e *Elipse do VP* apresentam esta propriedade no Português Brasileiro. Contudo, Zocca 2003 mostra que existe uma gramática emergente para a qual o requisito de paralelismo não se faz sentir nesta variedade do Português.

*NCA* distingue-se de *Objeto Nulo* pelo seu conteúdo: enquanto a primeira construção denota uma proposição ou um predicado, a segunda designa uma entidade (cf. (18) e (19)):

- (18) *Anáfora do Complemento Nulo*  
O Luís não sabe Italiano, mas gostava (PE) /gostaria (PB, PE) \_\_. ( \_\_ = de saber italiano)
- (19) *Objeto Nulo*  
a. O Luís viu o *disco* na vitrine e comprou \_\_.  
b. Ele comprou *isso* para os filhos, mas guardou \_\_ para lhes oferecer \_\_ mais tarde.

Os verbos que legitimam *NCA* em Português não coincidem totalmente com os presentes em *Objeto Nulo* ou *Elipse do VP*. Com efeito, em oposição ao que acontece em *Objeto Nulo*, não podem ser legitimadores de *NCA* verbos principais que selecionem complementos sem conteúdo proposicional (cf. (19)).

Do mesmo modo, em contraste com *Elipse do VP*, os verbos mais auxiliarizados do Português não legitimam *NCA* — os exemplos em (20) com os auxiliares *ter* dos tempos compostos ou *estar* aspectual progressivo não são (re)interpretados como casos de *NCA*.

- (20) a. \*Ele disse para tu não comprares o jornal hoje, pois ele já tinha \_\_.  
( \_\_ = (tinha) comprado o jornal hoje)  
b. \*Ele não teve a possibilidade de completar o seu curso quando era novo, mas agora está \_\_.  
( \_\_ = a completar o seu curso)

Finalmente *NCA*, mas não *Elipse do VP* ou *Objeto Nulo*, é lexicalmente determinada e só pode ocorrer com um número restrito de verbos que selecionam complementos com conteúdo proposicional. Assim, independentemente de os modais semi-auxiliares *ter de* e *dever* terem conteúdos próximos, apenas o último admite *NCA*, (cf.(21)). Do mesmo modo, dos verbos principais volitivos *gostar* e *esperar* (Duarte 2003), só o primeiro sanciona *NCA*, (cf. (22)).

- (21) a. \*A Maria não lê o jornal frequentemente, mas tem \_\_, para estar bem informada.  
( \_\_ = de ler o jornal frequentemente)

- b. A Maria não lê o jornal frequentemente, mas devia \_\_, para estar bem informada.  
( \_\_ =ler o jornal frequentemente)
- (22) a. O Luís não sabe Italiano, mas gostava/ gostaria \_\_.  
( \_\_ = de saber italiano)
- b. \*O Luís não sabe Italiano, mas espera \_\_.  
( \_\_ = saber italiano)

### 3.2 NCA como uma anáfora de superfície

NCA em Português apresenta as principais propriedades caracterizadoras desta construção em línguas como o Inglês e o Espanhol (ou o Italiano). O constituinte nulo, com valor proposicional, (i) é legitimado por verbos principais de complementação e semi-auxiliares (cf. (23)), (ii) pode ter antecedentes situacionais (cf. (24)), e, quando exhibe antecedentes lingüísticos, não requer paralelismo estrutural com o antecedente (cf. (25)):

- (23) a. Pedi ao Pedro que saísse, mas ele *recusou-se* \_\_ .  
b. O Luis acabou de escrever a sua tese; porém, a Ana só agora *começou* \_\_
- (24) [Situação: o pai, indulgente, dá um chocolate ao filho como jantar] Mãe: Não *aprovo* \_\_ !
- (25) a. Ele gostaria *de* fazer um jantar para toda a família e eu *ofereci-me* \_\_.  
( \_\_ = *para* fazer um jantar para toda a família)
- b. A mãe quis lavar a criança \_ mas esta *recusou-se* \_\_ porque estava brincando (PB)/a brincar (PE)  
( \_\_ = a ser lavada pela mãe)

Porém, NCA em Português Europeu e Brasileiro difere de línguas como o Inglês e o Espanhol pelo fato de aparentar ter estrutura interna. Deste modo, exhibe efeitos de *Pronome com Antecedente Ausente*, como em (26):

- (26) Ele ainda não escreveu nenhum *livro* e a Ana só agora *começou* \_\_, mas *pro* está a ficar óptimo/está ficando ótimo.  
( *pro* refere-se a *livro*)

Além disso, *NCA* em Português legitima interpretações de *Identidade Imprecisa* (cf. (27)).

- (27) a. Só o José<sub>i</sub> se recusou a conversar com (a) sua<sub>i</sub> mãe, pois o Pedro<sub>k</sub> concordou \_\_  
( \_\_ = conversar com (a) sua<sub>k,i</sub> mãe)  
b. João<sub>i</sub> beijou a sua amiga, mas Pedro<sub>j</sub> não quis \_\_ .  
( \_\_ = [beijar a sua<sub>i/j</sub> amiga])

Do mesmo modo, *NCA* em Português é compatível com *Extração de Constituintes-wh* (cf. (28)) e *Topicalização* (cf. (29)).

- (28) O amigo a quem tu querias telefonar e não conseguistes \_\_ acabou de chegar. ( \_\_ = telefonar (a quem))  
(29) Esta novela, o João começou a escrever; mas este conto, ele nunca acabou \_\_. ( \_\_ = de escrever (este conto))

Finalmente, *NCA* em Português aceita *Supressão Contida no Antecedente* (veja-se (30)).

- (30) a. Eu não me recuso a fazer qualquer coisa que ele mande \_\_.  
b. Ele tem ajudado todos os amigos que tu lhe pediste \_\_.

Qualquer que seja o tratamento proposto para esta construção, o constituinte nulo é sempre interpretado como tendo estrutura interna, uma vez que a relativa exhibe uma estrutura *operador – variável*, como exemplificado em (31), uma representação que segue a proposta de Chomsky 2001b, segundo a qual o sintagma contendo a relativa como adjunto é um aposto da frase subordinante — com efeito, Chomsky faz notar que dada a teoria da cópia, a *Elevação de Quantificador* (May 1985, Fiengo e May 1994) não evita a regressão até ao infinito:<sup>4</sup>

- (31) a. Eu não me recuso a fazer qualquer coisa/qualquer coisa que ele mande \_\_ .

<sup>4</sup> No que diz respeito à questão da estrutura interna de *NCA*, a abordagem da *Supressão Contida no Antecedente* de May 1985 e Fiengo e May 1994 conduzem à mesma conclusão, como mostram (i) e (ii):

(i) *Elevação de Quantificador*  
Eu não me recuso a [ qualquer coisa que ele mande \_\_ ]<sub>i</sub> [ fazer *t<sub>i</sub>* ]

(ii) *Reconstrução*  
Eu não me recuso a [ qualquer coisa que ele mande ~~fazer~~ *t* ] [ fazer *t* ]

- b. ... /qualquer coisa *opi* que ele mande ~~fazer~~ (*op*)<sub>i</sub>

Os dados sugerem, pois, que *NCA em Português* é uma *anáfora de superfície*.

### 3.3 *NCA, proformas realizadas e propriedades dos verbos legitimadores*

Alargando a análise de Hankamer e Sag ao Espanhol e ao Italiano, Depiante (2000, 2001), propõe que *NCA* seja representado na *Sintaxe* como uma proforma nula, sem estrutura interna, que, tal como um pronome, retira a sua referência de um indivíduo saliente do contexto lingüístico ou não-lingüístico. *NCA* em Inglês seria a contrapartida nula da proforma frásica ‘*it*’ ou ‘*so*’ e, em Espanhol, o correlato realizado do clítico ‘*lo*’, com o qual, segundo Brucart 1999 e Depiante 2000 se encontra em distribuição complementar.

- (32) Mary believes that Anne is pregnant but I don’t believe *it/so*  
(Depiante 2000:43)

Assim, Depiante (2000) apresenta a seguinte generalização:

- (33) Um predicado que seleciona *NCA* não pede uma proforma predicativa/proposicional realizada. (Depiante 2000:47)

Contudo, os dados do Português infirmam esta generalização, pois há contextos em Português Europeu em que *NCA* comuta livremente com o clítico invariável ‘*o*’ ou com o pronome ‘*isso*’, denotando conteúdo proposicional. De igual modo, o Português Brasileiro, que perdeu o clítico invariável ‘*o*’, permite a substituição de *NCA* por *isso*. Os exemplos em (34) e (35) ilustram estes casos:

- (34) a. Ainda que queiras \_\_ , não podes resolver esse problema.  
(EP)  
b. Ainda que *o* queiras, não podes resolver esse problema.  
(EP)
- (35) a. Nós pedimos aos rapazes para nos visitarem, e todos se recusaram \_\_. (BP, EP)  
b. Nós pedimos aos rapazes para nos visitarem, e todos se recusaram [*a isso*]. (BP,EP)

Conseqüentemente, assumimos que a distribuição complementar entre *NCA* e os pronominais invariáveis 'o' 'isso' não é uma propriedade caracterizadora desta construção. É antes um efeito colateral decorrente das propriedades de seleção dos verbos legitimadores de *NCA* estudados em Espanhol e Italiano. Com efeito, Depiante (2001:194) afirma explicitamente restringir o seu estudo de *NCA* aos casos em que esta construção é legitimada por verbos de reestruturação, embora admita que pode ocorrer com outros verbos.

Em Português *NCA* é legitimado por quasi-auxiliares modais (cf. (36a,b)) ou aspectuais (cf. (36c)) que selecionam TP, mas também verbos principais que selecionam fases de CP, como em (37) (cf. Matos 2003, para o PE).

- (36) a. Os alunos não vão freqüentemente à biblioteca, mas *deviam* \_\_\_\_.  
( \_\_\_\_ = ir freqüentemente à biblioteca )
- b. A Ana não pratica todas as semanas desporto porque não *pode* \_\_\_\_.  
( \_\_\_\_ = praticar todas as semanas desporto )
- c. A Maria ainda não escreveu a comunicação toda, mas vai *acabar* \_\_\_\_ em breve.  
( \_\_\_\_ = de escrever a comunicação toda )
- (37) a. A lei aumentará a precariedade de emprego, e os sindicatos não *aceitam* \_\_\_\_.  
( \_\_\_\_ = que a precariedade do emprego aumente )
- b. Os alunos não vão freqüentemente à biblioteca, mas *precisavam* \_\_\_\_.  
( \_\_\_\_ = de ir freqüentemente à biblioteca )
- c. Nós pedimos à Teresa que voltasse para casa depressa, mas ela *recusou-se* \_\_\_\_.  
( \_\_\_\_ = a voltar para casa depressa )

Em Português Europeu, os casos de *NCA* legitimados por verbos que selecionam TP não comutam nem com o clítico invariável 'o', nem com o pronome demonstrativo 'isso', como mostram as contrapartidas pronominais de (36) em (38):

- (38) a. \*Os alunos não vão freqüentemente à biblioteca, mas *deviam – no/isso*.
- b. \*A Ana não pratica todas as semanas desporto porque não *o* pode.

- c. \*A Maria ainda não escreveu a comunicação toda, mas vai acabar *díisso* em breve.

Pelo contrário, os casos legitimados por verbos de complementação que selecionam fases fortes de CP têm contrapartidas pronominais com ‘o’ e ‘isso’(cf. (37) e (39)):

- (39) a. A lei aumentará a precariedade de emprego, e os sindicatos não *o* aceitam / não aceitam *isso*.  
b. (?)Os alunos não vão freqüentemente à biblioteca, mas precisavam *díisso*.  
c. Nós pedimos à Teresa que voltasse para casa depressa, mas ela recusou-se *a isso*.

Parece-nos, pois, que é o estágio de defectivização do verbo legitimador do constituinte omitido em NCA o responsável pela sua distribuição complementar ou em variação livre com o clítico ‘o’ ou o pronome demonstrativo ‘isso’.

### 3.4 *Correlação de NCA com o clítico invariável em PB*

Embora mantendo o pronome ‘*isso*’, o Português Brasileiro perdeu o clítico ‘*o*’ invariável. Contudo, NCA em PB está diacronicamente ligada a este clítico, e por isso o seu comportamento é no essencial idêntico ao do Português Europeu (Cyrino 2004a, 2004b). Cyrino (1997) mostrou que apesar de no século XVI a comutação da elipse proposicional e do clítico ‘*o*’ ocorrer no Português chegado ao Brasil, o seu uso foi caindo, sendo, no entanto, ainda atestado no século XVIII, em escritores que nasceram e viveram no Brasil:

- (40) A:[Foi que D. Tibúrcio com a pena de se ver cometido de três mulheres], como vossa mercê sabe \_\_ ...  
B: Que é isto sobrinho? — Eu *o* não sei, em minha consciência.  
(António José da Silva, *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, 1737)

Os dados diacrônicos mostram que ao mesmo tempo que o clítico neutro ‘*o*’ deixa de ser usado, o complemento nulo com traços de [-animado] se impõe. O quadro seguinte apresenta os números relevantes:

**Quadro 1:** Objetos Nulos e elipse proposicional, segundo o tipo de antecedente (adaptado de Cyrino 1997)

	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Objeto Nulo (antecedente NP [+animado])	2% (2/86)*	5% (3/55)	5% (1/22)	1% (1/79)	14% (4/28)
Objeto Nulo (antecedente NP [-animado])	6% (5/87)	13% (17/130)	8% (10/131)	44% (38/87)	88% (91/103)
Elipse proposicional (clítico invariável)	23% (23/99)	21% (14/68)	45% (41/90)	83% (81/98)	91% (97/107)

\* Nesta e nas restantes frações: numerador = nulo; denominador = nulo + objetos explícitos.

Cyrino (1997) coloca a seguinte hipótese para esta mudança diacrônica: a criança alargou a possibilidade de elipse de estruturas com o clítico invariável, possivelmente *NCA*, a outras similares em que o clítico também tinha o traço [-animado]. Desta forma, *NCA* e *Objeto Nulo* são muito semelhantes em PB, sendo apenas o seu conteúdo (denotação de uma situação ou referência a uma entidade) que os distingue, quando ocorrem com o mesmo verbo, como mostram os exemplos seguintes.<sup>5</sup>

- (41) a. João me pediu para eu ir à festa, e eu aceitei \_\_\_\_.  
 ( \_\_\_\_ = ir à festa) *NCA*  
 b. João me deu um convite, e eu aceitei \_\_\_\_.  
 ( \_\_\_\_ = o convite) *Objeto Nulo*

<sup>5</sup> Cyrino 1994/1997 mostra que *Objeto Nulo* em Português pode igualmente exibir interpretações de *Identidade Imprecisa*, parecendo assim comportar-se como uma *anáfora de superfície*:

(i) O João dobra seu *jeans*, mas a Maria amassa \_\_\_\_ . (PB)

#### 4 O clítico invariável em Espanhol vs. Português<sup>6</sup>

Aceitando a correlação entre *NCA* e o pronome clítico invariável, podemos levantar a hipótese de a diferença de comportamento de *NCA* em Português e no Espanhol estar associada a propriedades do clítico ‘*o*’ e do seu correlato ‘*lo*’.

Como é sabido, os demonstrativos latinos estão na origem dos pronomes pessoais da 3ª pessoa do Português e do Espanhol, formas clíticas e não-clíticas (e.g. Williams 1891, Soriano 1999). Assim, ambas as formas do clítico invariável, ‘*o*’ e ‘*lo*’, provêm do demonstrativo neutro *illud*. Porém, a evolução do clítico invariável até a atualidade processou-se diferentemente em Português e em Espanhol: em Espanhol, o pronome invariável, que pode ter por antecedentes orações ou predicados (cf. (42)), corresponde à forma tônica do pronome pessoal neutro ‘*ello*’ (Soriano 1999), ilustrada em (43).

- (42) a. Me *dijo que no iba a venir y no lo creí.*  
(Soriano 1999:1216)  
b. Juan es más alto do lo que tú *lo* eres.  
(Sáez del Álamo 1999: 1135)
- (43) Me *dijo que no iba a venir y me enfadé por ello.*  
(Soriano 1999:1216)

Soriano 1999 faz notar que muitos autores consideram que ‘*ello*’ está desde os finais do século XIX a perder terreno a favor dos demonstrativos ‘*esto*’ e ‘*eso*’. Contudo, ‘*ello*’ tem ainda usos específicos, em que a alternância ‘*ello / eso*’ é impossível:

- (44) *Venga, vamos a ello /# eso.* (Soriano 1999: 1242)

Pelo contrário, em Português, o clítico invariável tem por correlato o pronome demonstrativo ‘*isso*’ (Matos 1985), uma vez que a forma não-clítica do pronome pessoal neutro desapareceu. Assim, não só a tradução de (44) em Português envolve o pronome ‘*isso*’ (cf.(45a)), como o clítico invariável comuta livremente com este pronome na posição de objeto direto (cf. (45b)), e é por ele substituído em sujeito da passiva (cf. (45c)).

---

<sup>6</sup> A forma ‘*lo*’ em italiano também apresenta especificidades (ver nota 5).

- (45) a. Vamos a *isso*!  
 b. O presidente declarou-*o* / *isso* em entrevista à televisão.  
 c. *Isso* foi declarado pelo presidente em entrevista à televisão.

Tendo em vista a diferença de conteúdo do clítico invariável em Português e em Espanhol, admitimos que ela corresponde a uma diferença de traços que tem repercussões no comportamento das construções em que *o* e *lo* podem ocorrer.<sup>7</sup>

## 5 Anáforas de superfície foneticamente realizadas e a teoria da elipse

No Português, o clítico verbal demonstrativo ‘*o*’ e o pronome ‘*isso*’ comportam-se como *anáforas de superfície*, exibindo efeitos de *Supressão Contida no Antecedente* (cf. (46a)) e *Identidade Imprecisa* (cf. (47a)).

- (46) Os livros foram postos em todas as estantes em que as revistas o foram. (EP)  
*o* = *em que<sub>i</sub>* as revistas foram postas ~~*em que<sub>i</sub>*~~.  
 (47) Ele<sub>i</sub> aceita conversar com a sua<sub>i</sub> mãe, mas ela<sub>k</sub> se recusa (BP) / recusa-se (EP) a *isso*  
*isso* = *pro<sub>k</sub>* conversar com *sua<sub>k</sub>* mãe.

A caracterização de proformas realizadas como *anáforas de superfície* não é nova. Foi proposta em Hankamer e Sag 1976 para captar a distribuição de ‘*So-anaphora*’, por oposição a *Do it* e a *It-frásico*, caracterizados como *anáforas profundas*.

Hankamer e Sag 1976, e Sag 1980 distinguem duas formas ‘*so*’: a *Anáfora-so* que substitui um VP ou uma frase e pode co-ocorrer com os adverbiais *too* ou *also* (cf. (49)); e o adverbial ‘*so*’ que substitui *too* ou *also* (cf. (50)):

- (49) a. If you have not yet changed your socks, please do so immediately.  
 b. Is the moon out? — I believe *so*.  
 c. They all changed their socks, and I did *so* too

<sup>7</sup> O clítico ‘*lo*’ em Italiano também difere do clítico demonstrativo ‘*o*’ em Português Europeu. Cordin e Calabrese (1988) assumem que *lo* denotando frases (em posição de objeto direto) e predicados (com verbos copulativos) é uma instância dos pronomes pessoais, que têm como correlato mais próximo em posição de sujeito, o pronome nulo, e os clíticos *ci* e *vi*, na posição de complemento de alguns verbos.

d. I thought he was wrong, and Sue thought *so* also.  
(H&S1976:415, 416)

- (50) a. Paul Anderson's fat, and *so* am I.  
b. Paul's Anderson's fat, and I am *too*.  
c. \*Paul's Anderson's fat, and *so* am I *also*.  
(H&S1976:415, 416)

A *Anáfora-so* legitima a construção de *Pronome com Antecedente Ausente* (cf. (51)) e não pode ser recuperada pelo contexto situacional (cf. (52)):

(51) I didn't ride a camel, but Ivan must have done *so* and now the office is infested with *its* fleas. (H&S 1976:418)

- (52) a. [Sag succeeds in ripping phone book in half]  
Hankamer: # I don't believe *so*.  
b. [Sag plays William Tell Overture on recorder]  
Hankamer: # And *so* can I. (H&S 1976:418)

Diferentemente do proposto em Ross 1972, Hankamer e Sag 1976:417 assumem que a *Anáfora-so* não corresponde a uma proforma; é, antes uma *anáfora de supressão*, i.e. o constituinte anaforizado está presente até um estágio tardio da derivação, que, quando é apagado, deixa ficar realizado o elemento adverbial 'so'.

Porém, a proposta de Hankamer e Sag encontra um problema: a '*Anáfora-so*' não pode co-ocorrer com a expressão lingüística realizada que denota (cf. (53)), o que parece favorecer a ideia de que é uma proforma, como sugerido em Ross 1972. O mesmo acontece com o clítico demonstrativo 'o', e o pronome 'isso' (cf. (54) e (55)).

(53) A: Is the moon out? B: \*I believe so the moon is out.  
(vs. I believe so.)

(54) \*Eles aceitaram conversar com as mães e só ela se recusa a isso conversar com a mãe.  
(cf. ... e só ela se recusa a isso) (PE, PB)

(55) \*Os livros foram postos em todas as estantes em que as revistas o foram postas.  
(cf. ... em todas as estantes em que as revistas o foram) (PE)

Estes dados sugerem que estas proformas entram na computação como um feixe de traços que especifica uma unidade única, que “substitui” todo constituinte denotado.

A existência de *anáforas de superfície* com realização lexical (*Anáfora-So*, clítico ‘o’ e pronome ‘isso’) ou nulas (*Anáfora do Complemento Nulo*, em Português), caracterizáveis como *proformas*, tem implicações para a teoria da elipse, particularmente evidentes em frases como (56), que, para além de comportar uma relativa, exhibe estrutura passiva.

(56) Os livros foram postos em todas as estantes *em que as revistas* a foram.

Se aceitarmos a posição clássica de que o sujeito da passiva é o argumento interno do verbo principal, para que haja convergência no nível de interface para a interpretação, tem de haver uma cópia desse argumento no interior do VP, como ilustrado em (57). O mesmo acontece com o constituinte relativizado, *em que*, que funciona como complemento preposicionado de *pôr*.

(56) ... as estantes *em que*<sub>i</sub> as revistas<sub>k</sub> foram [<sub>VP</sub> postas<sub>j</sub> [~~as revistas~~]<sub>k</sub> [V<sub>j</sub> [~~em que~~]<sub>i</sub>]]

Assim, como notado em Matos 1992, 1994, é preciso admitir que, dada a impossibilidade de co-ocorrência do pronominal demonstrativo com o material lingüístico requerido para interpretação, a *Reconstrução* opera em Forma Lógica substituindo a *proforma* pelo material lingüístico que ela denota, como explicitado em (56).

Esta mesma necessidade de *Reconstrução* ocorre nos casos em que o pronome realizado detém baixo conteúdo referencial e admite uma interpretação de *Identidade Imprecisa* (Cyrino 1997), como ‘it’ em (57).

(57) The man who gave his paycheck to his wife was wiser than the man who gave *it* to his mistress. (Karttunen 1969)

Em (57), ainda que o pronome que ocorre no segundo termo de comparação seja gerado como um feixe de traços que é pronunciado como *it* em *Forma Fonética*, ele deve ser reconstituído como *his paycheck* em *Forma Lógica*, sendo a referência de *his* estabelecida pelo sujeito mais próximo.

Dada a correlação entre o clítico e o pronome demonstrativos e NCA em Português, consideramos que o mesmo tipo de tratamento deve ser proposto para esta construção, pelo menos quando ela comuta livremente com estas proformas. Ou seja, admitimos que, nestes casos, o constituinte nulo é uma proforma que deve ser substituída em *Forma Lógica* pelo material lingüístico que denota, e que, como propõem Fiengo e May 1994, ainda que possa não estar verbalizado, se impõe como antecedente lingüístico virtual.

Em suma, NCA e as Anáforas de Superfície explícitas constituem uma evidência para a abordagem de *Reconstrução* da Elipse e mostram que nalguns casos a concepção clássica de *Reconstrução* como cópia do antecedente é requerida.

## 6 Conclusões

No programa Minimalista, a proposta para o tratamento da elipse em termos de supressão em *Forma Fonética* foi reabilitada (e.g. Chomsky 1995, Lasnik 1999a, 1999b).<sup>8</sup> Em *Forma Lógica*, os constituintes alvos de elipse estão presentes e a operação de *Reconstrução* não é necessária (cf. Chomsky 1995: 202).

No entanto, a *Morfologia Distribuída*, proposta em Halle e Marantz 1993, permite um tratamento alternativo da elipse: os elementos terminais que entram na derivação são feixes de traços que recebem traços fonológicos no nível de *Estrutura Morfológica* que opera depois do nível sintático. Assim sendo, não há necessidade de uma regra de Supressão em *Forma Fonética*.

Porém, qualquer destas abordagens deixa por explicar os casos de *anáfora de superfície* explícita, em que proformas como a *Anáfora-so* ou os pronominais 'o' e 'isso' não podem co-ocorrer abertamente com os constituintes que denotam. Nestes casos temos motivos para supor que o feixe de traços que entrou na computação é a proforma, estejam os seus traços fonológicos presentes desde o *Léxico* ou sejam eles inseridos pós-sintaticamente no nível de *Estrutura Morfológica*.

Para estes casos, assim como para os de NCA que comutam livremente com os pronominais *o* e *isso*, faz sentido retomar as propostas interpretativas pré-Minimalistas, presentes, entre outros em Williams 1977, Zagana 1982, 1988, May 1985, Chao 1987, Kitagawa 1991, Lobeck 1995, Matos 1992, 1994, Cyrino 1994/1997, se-

---

<sup>8</sup> Depiante (2000:6) nota que no quadro Minimalista atual a estrutura sintagmática é obtida a partir dos próprios itens lexicais, e, por isso, a possibilidade de ter uma estrutura com nós terminais vazios não é viável.

gundo os quais uma operação de *Reconstrução* em LF estabelece o conteúdo e a estrutura do constituinte nulo.

Admitimos com Fiengo e May 1994 que a *Reconstrução* usualmente envolve contextos elípticos categorialmente completamente especificados (e com estrutura interna), que apenas carecem da expressão fonética do conteúdo lexical (é aparentemente o caso de *Elipse do VP*), mas pensamos que pode também haver elipses correlatas das proformas realizadas de *anáfora de superfície* que requerem uma versão mais radical de *Reconstrução*, como cópia de um antecedente para o local onde previamente se encontrava a profoma (cf. May 1985, Kitagawa 1991).

### Referências

- Brucart, J.M. (1999) La Elipsis. In *Grammatica Descriptiva de la Lengua Española*, org. de Bosque, I. e Delmonte, V., Madrid: Espasa Calpe.
- Chomsky, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Chomsky, N. (2000) Minimalist Inquiries: the Framework. In Martin, R., Michaels, D. & Uriaguereka, J. (eds.) *Step By Step – Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press
- Chomsky, N. (2001a) Derivation by Phase. In Kenstowicz, M. (ed.) *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Chomsky, N. (2001b) Beyond Explanatory Adequacy. ms.
- Chao, W. (1987). *On Ellipsis*. PhD Dissertation. Amerst: University of Massachusetts.
- Cordin, P e Calabrese, A. (1988) I Pronomi personali. In Renzi, L. (org.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, vol. I, Bolonha: Il Mulino.
- Cyrino, S. (1997) *O Objeto Nulo no Português do Brasil – um estudo sintático-diacrónico*. Londrina, Editora da UEL.
- Cyrino, S. (2004a) Null Complement Anaphora and Null Objects in Brazilian Portuguese. Apresentado no Workshop on Morphosyntax, Universidad de Buenos Aires.
- Cyrino, S. (2004b) Anáfora do complemento nulo na história do português brasileiro, VI Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro, Salvador, Bahia.
- Cyrino, S. (no prelo) Null Complement Anaphora in Brazilian Portuguese. *Letras*.
- Cyrino, S. e Matos, G., (2002) VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 1, n.2, 177-195

- Cyrino, S. e Matos, G. (2004) Local licensers and recovering in VP ellipsis construction: variation across languages and language varieties. Ms.
- Depiante, M. (2000) *The Syntax of Deep and Surface Anaphora: a study of null complement anaphora and stripping/bare argument ellipsis*. Doctoral Dissertation, University of Connecticut.
- Depiante, M. (2001) On Null Complement Anaphora in Spanish and Italian. *Probus* 13: 193-221.
- Duarte, I. (2003) Subordinação Completiva – as orações completivas. In: Mateus, M.H., Brito, A., Duarte, I., Faria, I., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M. e Villalva, A., *Gramática da Língua da Língua Portuguesa*, cap. 15. Lisboa, Caminho.
- Fiengo, R. e May, R. (1994) *Indices and Identity*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Gonçalves, A. (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Halle, M. e Marantz, A. (1993) Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In Hale, K. e Keyser, S. J. (eds.) *The View from Building 20*, Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Hankamer, J. e Sag, I. (1976) Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry* 7(3):391-426.
- Hornstein, N. (1994) An Argument for Minimalism. The Case of Antecedent-Contained-Deletion. *Linguistic Inquiry* 25: 455-480.
- Kitagawa, Y. (1991) Copying Identity. *Natural Language and Linguistic Theory* 9:497-536.
- Lasnik, H. (1999a) *Minimalist Analysis*. Oxford: Blackwell.
- Lasnik, H. (1999b) On Feature Strength: Three Minimalist Approaches to Overt Movement. *Linguistic Inquiry* 30:2, pp. 197-217.
- Lobeck, A. (1995) *Ellipsis. Functional Heads, Licensing and Identification*. Oxford: Oxford University Press.
- Martins, A.M. (1994) Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. *Probus* 6, 173-205.
- Matos, G. (1985) *Clítico Verbal Demonstrativo*. Monografia apresentada em Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Matos, G. (1992) *Construções de Elipse do Predicado em Português – SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Matos, G. (1994) Estrutura-P, Transformações, Predicados Elípticos e Pronominais. *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/ Colibri Artes Gráficas.

- Matos, G. (2003) Construções Elípticas. In: Mateus, M.H., A. Brito, Duarte, I., Faria, I., Frota, S. Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., Villalva, A., *Gramática da Língua da Língua Portuguesa*, cap. 21. Lisboa, Caminho.
- Matos, G. e Cyrino, S. (2001) Eclipse do VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. Publicado em Soares, M<sup>a</sup> E. (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, Março de 2001- Anais – vol. I, Fortaleza.
- May, R. (1985) *Logical Form*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Otani, K e J. Whitman (1991) V-raising and VP-Ellipsis. *Linguistic Inquiry* 22:345-358.
- Raposo, E., (1986) On the Null Object in European Portuguese. In *Studies in Romance Linguistics* (O. Jaeggli, & C. Silva-Corvalán, editors). Dordrecht: Foris Publications.
- Saéz del Álamo, L. (1999) Los Cuantificadores: las Construcciones Comparativas e Superlativas. In *Grammatica Descriptiva de la Lengua Española*, org. de Bosque, Í. e Delmonte, V., Madrid, Espasa Calpe.
- Sag, I. (1980) *Deletion and Logical Form*. New York & London: Garland Publishing Inc.
- Soriano, O. (1999) El Pronombre Personal. Formas y distribuciones. Pronomes Átonos y Tónicos. In *Grammatica Descriptiva de la Lengua Española*, org. de Bosque, I. e Delmonte, V., Madrid, Espasa Calpe.
- Tancredi, C. (1992) *Deletion, Deaccenting and Presupposition*. PhD Dissertation. Cambridge, Massachusetts: MIT.
- Zagona, K. (1982) *Government and Proper Government of Verbal Projections*, PhD Dissertation, Washington: University of Washington.
- Zagona, K. (1988) *Verb Phrase Syntax. A Parametric Study of English and Spanish*. Dordrecht/ Boston/ London: Kluwer Academic Publishers.
- Williams, E. (1977) Discourse and Logical Form, *Linguistic Inquiry* 8: 101-139.